

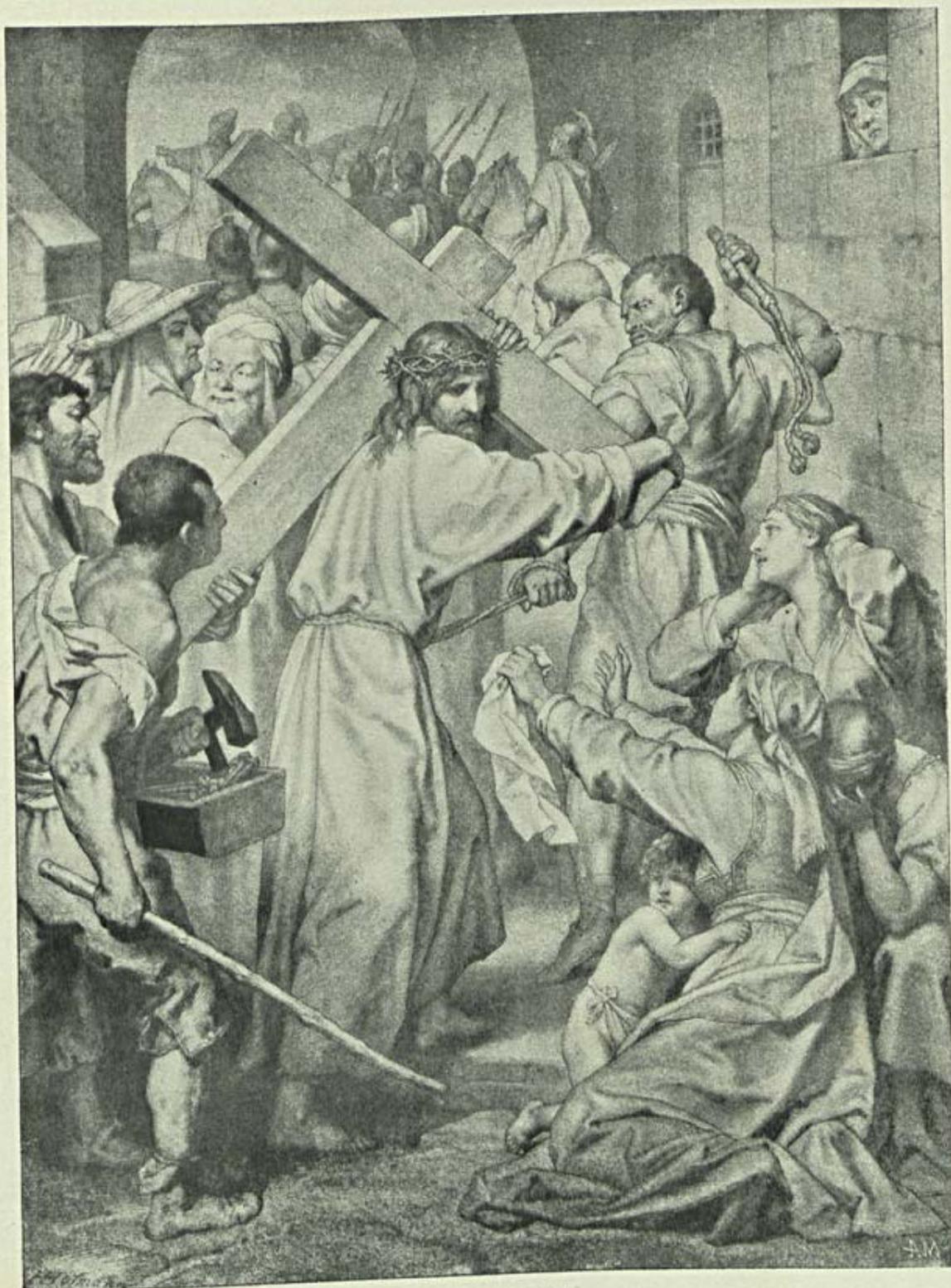
# BRASIL-PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castilho.  
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjô.  
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.  
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão 50.— Lisboa.

16 DE ABRIL DE 1909

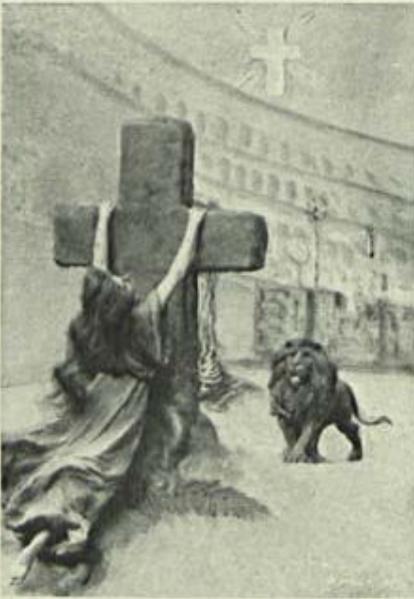
N.º 246

## SEMANA SANTA



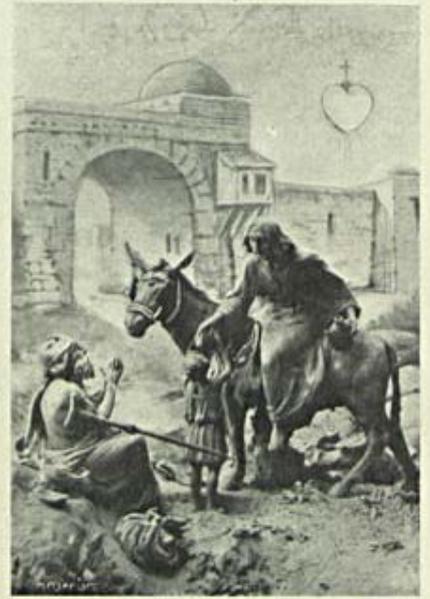
Jesus Christo conduzindo a cruz  
(Quadro de Henrique Hofmann)

FÉ



ESPERANÇA

CARIDADE



## Conto da Semana Santa

**O**s dois discípulos caminhavam tristemente pela estrada de Samaria, tendo saído de Jerusalem de tarde, á hora de mais calma. Ambos descalços, os velhos mantos remendados, levavam ao hombro, na extremidade dos cajados, saccolas vazias. Tão incultos tinham cabelo e barba que pareciam dois velhos vagabundos. No entanto eram novos: um, alto e magro, Cleophas, tinha trinta annos; o outro, o gordo Simeão, quasi vinte e cinco. Conversavam melancolicamente sobre os tristes resultados que para elles havia tido a morte de Christo.

De subito, ambos estacaram, apavorados. Proximo enxergaram um homem que, encostado ao cajado, os fitava, parecendo esperal-os. Esperava-os, sem duvida, porque logo os saudou, tomou o surrão e fez menção de os acompanhar.

Os dois examinaram-o anciosamente, dos pés á cabeça. Cleophas, que fóra scriba da Synagoga, pensou que seria um emissario do synedrio que o esperava para o conduzir de novo a Jerusalem; sabia-se que elle era o

mais intelligente e o mais instruido dos discipulos do Nazareno; queriam apoderar-se d'elle. Simeão, o sapateiro, não procurava explicar o caso, mas presumia que se tratava da sua pessoa. Viu-se perdido; amaldiçoou Cleophas, que fóra o causador da sua desdita, obrigando-o outr'ora a sahir da sua terra, Capharnaum, para seguir Jesus na Judeia. E como tivessem o espirito preocupado com estas reflexões emquanto examinavam o desconhecido, este pareceu-lhes homem de má catadura.

Por isso não responderam á saudação e ás perguntas que elle lhes dirigiu. E, não osando despedil-o, estugaram o passo para se livrarem de tal companheiro. Mas elle seguiu-os. Falou-lhes da deliciosa frescura da noite, que ia cahindo; convidou-os á contemplação da pureza do ceu onde se accendiam as primeiras estrellas. A voz do desconhecido era tão suave, que por mais de uma vez os dois voltaram-se, julgando ouvir a voz de um anjo, cantando ao longe. E tendo o gordo Simeão tropeçado n'uma pedra, o desconhecido segurou-o por um braço, não o deixando cahir. Então Simeão reparou que os pés do seu novo companheiro sangravam e que este levava a mão ao peito com se se sentisse ferido, parecendo não supportar o peso do seu sacco. A principio quasi se regosijou; mas bem depressa o consternou o soffrimento d'esse homem, que julgava seu inimigo. Deu mais alguns passos, mas logo cedeu ao desejo de tomar a saccola do desconhecido e juntal-a á sua, na ponta do cajado.

O surrão pesava, com effeito, mas mal Simeão lhe pegou, sentiu que o corpo se lhe tornava mais leve. Elle, que ha pouco tremia apavo-



As bodas de Canaan  
(Quadro de Paulo Veronese)

rado, deixou de se sentir preocupado; inspiraram-lhe piedade as feridas sangrentas que rasgavam o peito e os pés do desconhecido; sentiu dissipar-se o mau humor contra Cleophas.

— Irmão, disse-lhe em voz baixa, moderemos o passo e dá o braço a este desgraçado. Está tão fraco e custa-lhe tanto a andar! . . .

E Cleophas sentiu-se também tomado de um grande enternecimento. O estado do misero afugentava as suas desconfianças.

— Apoiá-te a mim, homem, e vamos mais devagar, disse.

Voltaram a pensar na sua triste situação, quando o desconhecido lhes perguntou o fim de tal viagem. E então sentiram o desejo de mostrar a esse estranho que também tinham jus á compaixão d'elle.

— Amigos, disse o desconhecido, de que falavam ha pouco, quando nos encontrámos? Qual o motivo da vossa tristeza?

A desventura de Cleophas era tamanha, que no seu entender ninguem devia ignoral-a.

— Por acaso ignoras o que se passou em Jerusalem? disse com modo brusco.

— O que foi?

— O que succedeu a Jesus de Nazareth. . .

Ah! era um propheta poderoso em obras e palavras, perante Deus e perante os homens! Foi condemnado á morte e crucificaram-o ha tres dias. Eu era o primeiro dos seus discipulos. Tinha-nos prometido libertar Israel

— E que nos resuscitaria depois d'elle proprio ter resuscitado! — acrescentou Simeão. — E ha já tres dias que morreu. . . Procuram-nos em Jerusalem para nos enforcarem. Vão escarnecer de nós em Capharnaum, para onde vamos, se não formos apanhados no caminho. Já hontem queriamos partir, mas umas mulheres disseram-nos que tendo visitado o sitio onde Christo fôra enterrado, encontraram o sepulcro vasio. Tinham até visto um anjo que lhes dissera que Jesus estava vivo. Hontem fui ao sepulcro. Estava vasio, com effeito. Mas nem a sombra de um anjo vi. Talvez levassem o corpo para que lá não fosse resar. Imagina a nossa situação! Elle está morto e bem morto; e a nós, Deus sabe o que nos espera!

— Se estivesse vivo, como essas mulheres afirmaram, eu tel-o-hia visto! disse Cleophas. Só eu o comprehendia. Estudei muito, desde creança. Fui segundo scriba em Capharnaum. Sei lér, sei escrever, sei tudo! Se Jesus estivesse vivo, estava aqui, a ouvir-me, como tu. Phantasmagorias de mulheres! Só um ignorante, como Simeão, acredita nas invenções d'ellas! Eu, com franqueza o digo, nunca me convenci absolutamente do que o Nazareno nos dizia. Verdade seja que havia os milagres, os doentes curados, os nos mortos que resuscitaram. . . Era o que me prendia a elle. Mas aquellas mortas que resuscitaram. . . E aquelle desde a instrução estranhas, incomprehensíveis! . . . E aquelle desde a instrução. . . e a preferencia pela gentilha . . .

— E' verdade, é! disse Simeão. Eu proprio, vendo-o tão familiar comigo, cheguei a duvidar d'elle. Falava-me como a um irmão. Um homem que se dizia descendente de David!

Por seu turno o desconhecido falou. Conhecera Jesus de Nazareth. Encontrara-o em tempo na Galileia e tornara a vel-o havia dias, arrastado pela soldadesca n'uma rua de Jerusalem, os hombros cobertos com um farrapo vermelho, manietado, a fronte sangrando sob os espinhos de uma coroa de escarneo. Acreditava firmemente que Jesus era o filho de Deus e que, conforme a sua promessa, resuscitaria.

A sua voz era suave como um cantic do ceu, mas as suas palavras eram de uma grande severidade censurando a pouca fé dos companheiros.

— Insensatos, dizia elle, porque serão tão rebeldes os vossos corações? Não sabeis o que os prophetas annunciaram? Jesus não tinha de soffrer o que soffreu para entrar na gloria?

Depois, começando por Moysés e continuando por todos os prophetas, explicou-lhes as Sagradas Escripuras no que dizia respeito a Jesus.

Essas explicações encantaram Cleophas, que tinha presumpção de saber as Escripuras a ponto de poder recital-as do fim para o principio. Completou phrases que o desconhecido começava, citou outras ainda mais comprovativas, na sua opinião. Sentia-se feliz mostrando a sua erudição a um homem tão sabedor.

Simeão, esse, escutava com o ar recolhido que lhe notavam quando ouvia as predicas de Jesus. Estava deslumbrado; sentia-se arrastado, convencido. Lembrava-se apenas, de quando em quando, que nada comera desde manhã, que tinha o sacco vasio e que o frio da noite o ia surpreender na estrada.

Quando chegaram a Emmaús, não poudo conter-se. Interrompeu os companheiros e propoz-lhes entrarem n'uma estalagem para cobrar forças.

— Amigo, disse elle ao desconhecido, aqui tens o teu sacco. Eu e Cleophas ficamos aqui até amanhã. E tu? Tencionas caminhar toda a noite, com os pés chagados, a este vento gelado? Entra, aquece-te e recupera forças!

— Sim, vem conosco, disse Cleophas, continuaremos a conversa interrompida. Que consolação para as minhas magoas o poder conversar com alguém que me entenda! Entra sem receio; ninguem te diz nada e, se não quizeres comer, nada terás a pagar.

Mas o desconhecido parecia resolvido a continuar o seu caminho.

— Amigo, disse-lhe então Simeão ao ouvido, de boa vontade te convidariamos a ceiar conosco, mas temos apenas tres drachmas e d'aqui a Capharnaum é longe. Não nos queiras mal por isso e vem distrahir-te um pouco conosco. Vê que bello lume nos espera alem! E d'ahi talvez possamos arranjar-te pousada gratuita.

O desconhecido resolveu-se a entrar. Simeão e Cleophas sentiram a impressão de quem acaba de escapar a um perigo. Tomaram-o cada um por seu braço e conduziram-o a uma grande casa, onde, sob a lampada, estava posta uma mesa. Perguntavam a si proprios por que razão tinham a principio julgado tão mal o companheiro. Entregues inteiramente á ideia de uma bella noite de repouso, entreolhavam-se agora risonhos. O desconhecido era um

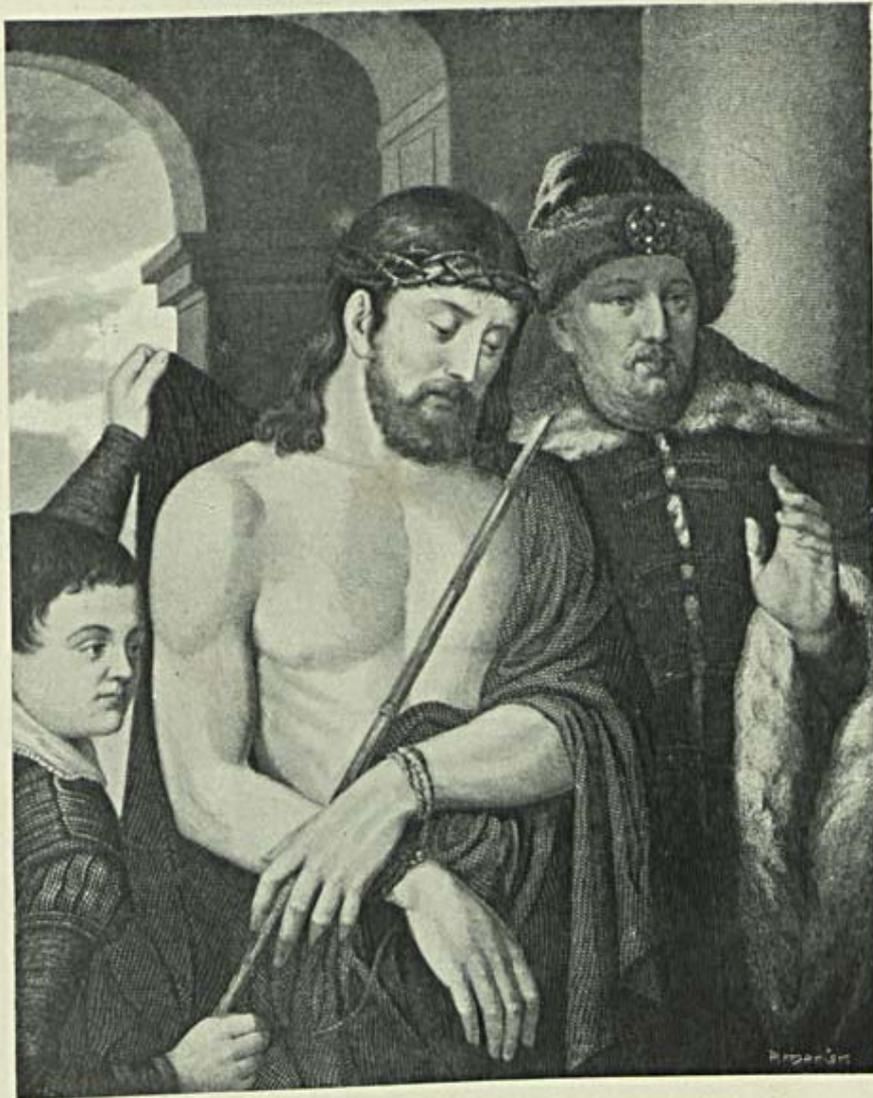
rapaz fraco e tímido, de olhar enternecido. Encontravam n'elle exactamente o companheiro que necessitavam para uma franca conversação antes do sono dormido de costas para o lume.

Um servo veio perguntar-lhes o que queriam. Encomendaram peixe e mandaram vir logo pão e agua. O desconhecido, um pouco afastado, olhava-os enquanto comiam.

Mas a conversa recommençou, interrompida apenas de quando em quando pelo bater das taças na mesa. Simeão desapertara o manto. Cleophas recitava textos sagrados, com a sua bella voz grave, que se abarrotava ao rematar as phrases. Mas o desconhecido não pensava nos sagrados textos. Recordava aos dois as predicas de Jesus, essas singulares parabolhas, simples e subteis, cujo sentido os sabios desconheciam e as creanças adivinhavam.

Sabia duas que sem duvida elles ignoravam. Offereceu-se para as dizer. E havia na sua voz uma tão commovedora doçura, que o proprio Cleophas emmudeceu. Este e Simeão foram sentar-se junto de fogo e o outro começou a recitar as duas parabolhas, em quanto o servo sacudia as migalhas de sobre a mesa e a servir o peixe.

No reinado de David, vivia em Jerusalem um sabio. Para se entregar absolutamente ao estudo, recusara casar-se e renunciara a um emprego no



Ecce homo

(Quadro de F. Vecellio)

templo, que lhe dava honras e proveitos. Não pensava em comer nem em beber. Estudava de manhã á noite. Os outros, vendo-o assim alheio ao mundo veneravam-o como a um santo e de toda a parte vinham doutores consultal-o.

Ouviu em sonho uma voz que lhe dizia: "Se não souberes mais do que sabes não entrarás no céu!"

Lembrou-se então de que vivia no Egypto um homem de quem corria a fama de saber tudo. E poz-se a caminho para o consultar.

Encontrou na jornada um cão que latia dolorosamente, com uma pata lacerada por um espinho. Mas o sabio tinha tanta pressa de chegar ao seu destino que não fez caso do animal dorido. Proseguiu no seu caminho e o sabio egypcio ensinou-lhe tudo o que sabia.

Mas, na noite em que regressava a Jerusalem, foi atacado de febre violenta. Percebeu que ia morrer, porque conhecia as doenças e os symptomas. E novamente ouviu a voz que lhe dizia: "Não entrarás no reino dos ceus, porque não conseguiste ser mais sabio do que eras!"

E morreu, e não entrou no reino dos ceus, porque são muitos os que o pretendem e poucos os eleitos.

A voz do desconhecido era tão suave que, enquanto elle falava a Cleophas e Simeão parecia-lhes estar ouvindo um coro d'anjos, cada vez mais proximo, fluctuando n'um perfume de incenso, em volta d'elles. Até o proprio servo não fóra indifferente á doçura sobrenatural d'aquella voz. Deixára o serviço em meio e encostara-se á parede, com os olhos fixos no peregrino.

Elle recitou-lhes outra parábola.

Em Jerusalem, no tempo do rei David, vivia um mendigo, o mais misero dos mendigos. Era corcunda e coxo de ambas as pernas, e os que por elle passavam, para se divertirem, cuspiam o.

Um dia o triste arrastou-se até á porta do palacio d'um principe, cuja mulher era a mais linda de todo o reino. Disse aos creados que vinha beijar a princeza. E os creados espancaram-o, as creanças cuspiram-lhe na cara e os cães mordearam-o.

E o mendigo sentou-se defronte da porta do palacio. E pouco depois viu chegar uns ricos homens, amigos da casa, e disse-lhes que estava alli para beijar a princeza. E elles troçaram da sua fealdade e do seu nescio intento, atiraram-lhe uma esmola e entraram no palacio. Breve viu o mendigo chegar o proprio principe e foi dizer-lhe que estava alli para beijar a princeza, sua mulher. E o principe commovido pela miseria do pobresinho, falou-lhe carinhosamente: "Amigo, que loucura te desvoira? Não sabes que a lei prohibe que levantemos os olhos para a mulher do proximo? Toma, aqui tens todo o dinheiro que trago. Gasta o como melhor te apraz!"

Mas o mendigo recusou o dinheiro e disse ao principe: "Nunca vi mulher tão bella. Sou um pobre e para mim não ha prazeres. Sónente os olhos da princeza me queimam o coração como carvões ardentes desde que a vi, e morro se a não beijar."

E o principe disse-lhe: "Amigo, terás o que desejas. E que Deus te julgue, se infringires a sua lei!" E foi buscar a mulher, que era mais bella e louça que as flores dos bosques. E trouxe-a ao mendigo para que a beijassee. E houve no céu muita alegria, porque são muitos os chamados e poucos os eleitos. Que percebe aquelle que tiver ouvidos!

O desconhecido calou-se. Os dois discipulos conservaram-se ainda algum tempo junto do fogo; depois, quando o servo sahio, retomaram lugar á mesa. Sentiam um delicioso bem estar e o cheiro do peixe estimulava-lhes o appetite.

Mas quando começaram a cear, um gemido fez-lhes erguer as cabeças.

O outro cahira exangue, a bocca entreaberta. O sangue empastava-lhe os pés e o peito. Opprimiu-os o pensamento de que enquanto se compraziam em ouvir-o, se lhe exgotavam as forças.

Então, só pensaram na miseria do desgraçado. Cleophas correu a reanimal-o. Simeão mandou vir algum vinho e offereceu-lh'o com o seu pão. O desconhecido voltou-se; tomou o pão que Simeão lhe offerecia e partiu-o, enquanto os dois o olhavam cheios de dó.

E viram então o companheiro de viagem tal qual era, porque pela primeira vez o contemplavam deixando de pensar em si proprios para pensarem sómente n'elle.

E viram que era Jesus, seu divino Senhor, que resuscitara.

Cahiram de joelhos para o adorar, mas elle desaparecera.

Ficaram um instante immoveis, prosternados, a cabeça entre as mãos. Resoava agora intensamente n'elles a doce musica da voz perfumada de incenso. Penetrava nas suas almas a fé e a felicidade. E, esquecendo as

fraquezas passadas, disseram um para o outro: Irmão, os corações não nos abraçaram os peitos enquanto Elle, no caminho, nos explicava as Sagradas Escripturas?

Levantaram-se, sahiram da estalagem deixando a bolsa sobre a mesa e retomaram o caminho de Jerusalem. Sentiam a sede sagrada do martyrio. Caminhavam açoitados pelo vento algido da noite. Parecia-lhes que nunca chegariam a tempo para prégar a sua fé, converter os infieis e morrer n'uma cruz!

Lembraram-se de ir primeiro procurar os onze apóstolos e annunciar-lhes o inacreditavel encontro. Só elles tinham presenciado o milagre; tinham sido os primeiros a quem Jesus apparecera; escolhera os, pois, para revelar ao mundo a sua resurreição.

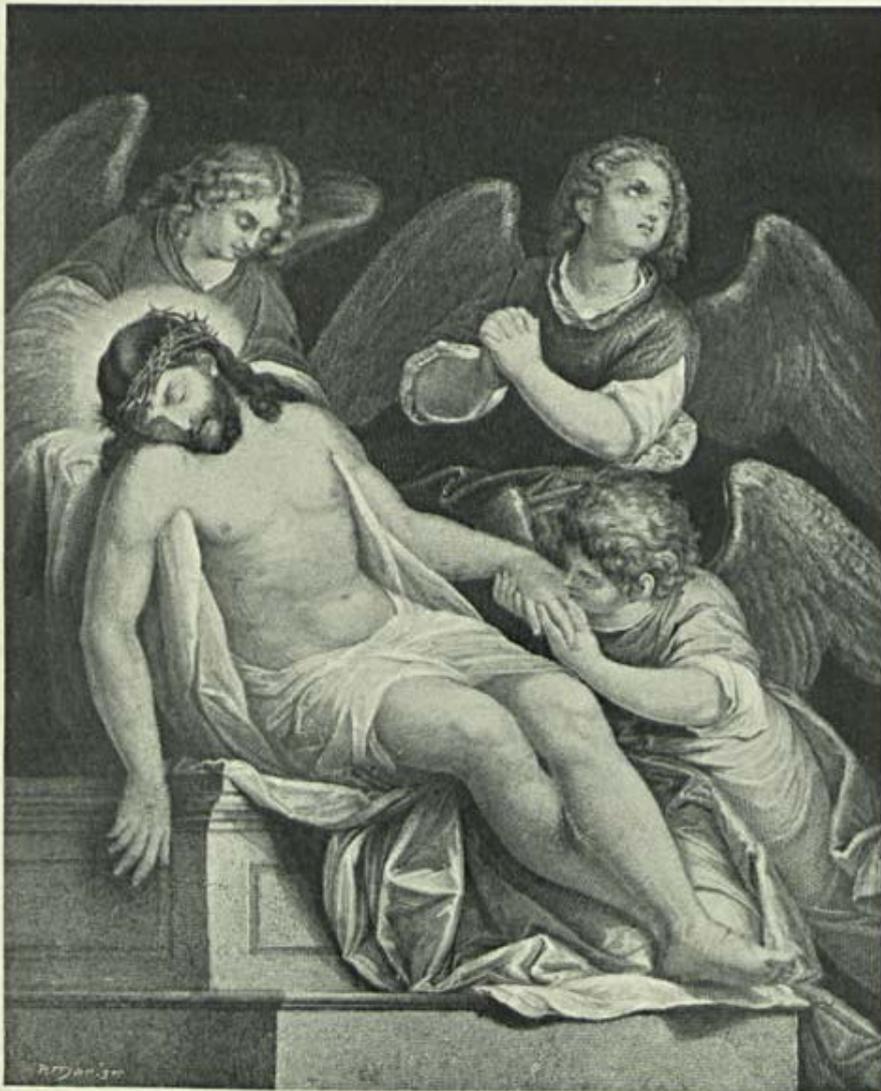
Esta ideia occorreu a ambos ao mesmo tempo. De todos os discipulos eram elles os preferidos do Senhor. Mostrara ás mulheres o sepulcro vazio e os anjos que o guardavam; mas a elles mostrara-se em pessoa! E quanto mais pensavam n'isto, mais reconhecimento sentiam por aquelle favor do Senhor. E a par do reconhecimento abrigava-se nos seus corações o orgulho. Elles, e só elles, tinham sido os escolhidos! De sorte que, n'uma volta do caminho, no mesmo sitio onde pouco antes tinham encontra-

do o desconhecido, ambos foram illuminados por uma commum certeza: comprehenderam que eram desde então os eleitos entre os eleitos, os supremos mandatarios de Jesus. Porque lhes teria apparecido, se não os considerasse como os primeiros entre os seus discipulos? Que outro motivo o teria levado a esperal-os á beira da estrada e a demorar-se tanto junto d'elles, enquanto os Onze o esperavam cheios de duvida e amargura?

— Ah! irmão, disse por fim Cleophas, sinto-me indigno de tal favor! Quando penso que o Senhor me preferiu a Pedro, que já se julgava o chefe da Igreja, e a João, que se gabava de ser o discipulo bem amado! Eu conheço melhor, certamente, a lei e os prophetas; sou muito mais sabio e erudito. Mas apesar d'isso só reconheço em mim o mais humilde dos peccadores. E escolheu-me! ... Lembra-te com que olhar doce e triste elle me fitava quando partiu o pão?

— Olhou-te como olhou para mim! — replicou Simeão molestando. Isso é demasiada vaidade. Lembra-te antes da maneira por que o trataste quando elle nos encontrou na estrada; falaste-lhe com dureza; deitaste a correr para que elle te não pudesse seguir. Eu é que tive dó d'elle. Trouxe ao hombro a sacolla que o derreeva e convidei-o a entrar na estalagem. E, quando eu ia cahindo, elle não me amparou?

— Desgraçado! exclamou Cleophas, estás doido! Sabes por acaso lèr



A Inhumação de Christo  
(Quadro de Salvati)

e escrever? Sabes alguma coisa? Rir-se-hão de ti se disseres que foste o escolhido de Jesus! Nescio não percebeste que era por dó que consentiamos em ter-te na nossa companhia? E's lá capaz sequer de dizer a série dos reis de Judá!

— Não me atormentes com a tua vaidade, pedante da synagoga! respondeu Simeão. Não viste ainda ha pouco que o Senhor se dirige aos igno-

## Em Sexta Feira Santa



A Procissão do Enterro. — A Veronica

rantes como eu e não aos scribas como tu? Elle detesta-vos, aos scribas. «Raça de viboras», disse de vós. Ah! nunca elle disse coisa mais certa!

Continuaram a questionar. E á medida que iam aquecendo, cada um descobria mais claramente os motivos que lhe tinham valido o favor da divina escolha. A's portas da cidade o debate foi tão acceso, que Cleophas esteve para se atirar ao companheiro; mas viu-o tão furioso que entendeu ser mais prudente moderar-se. E puzeram-se a caminho, a par, apressadamente, sem dizerem palavra.

E quando uma hora depois sahiram da assembleia dos Onze, á porta apartaram-se indispostos para a vida e para a morte...

CAMARA LIMA.

## A queima do Judas

O mestre Jacob com os seus velhos habitos de usurario, com a sua ennodada aljuba e o cebacio barrete que jámais tirava da cabeça, era o typo genuino do judeu.

Sempre na sua tenda de sapateiro, agarrado ao trabalho desde que despontava a aurora até alta noite, vivia em um dos antigos bairros da cidade e tinha fama de homem endinheirado.

Dizia-se que, tanto na Paschoa, como na commemoração da Queda



Em Sexta Feira Santa. — A Procissão do Enterro

(Clichés de A. C. Lima).

O esquife

de Jerusalem, fechava a tenda e como bom filho d'Israel, cobria a cabeça com amicto, lia as orações da synagoga, judaisava emfim.

As senhoras vizinhas contavam d'elle cousas extraordinarias e os rapazes andavam sempre a preparar-lhe as suas brincadeiras e repetidas troças; mas nada fazia alterar os costumes, ou agastar o homemzinho: firme nos seus principios, inabalavel nas suas convicções, tudo soffria resignado apparentemente, porque lá dentro do carcere d'aquella alma, não se apagava a lanterna dos seus odios de raça.

Em um dos annos em que se celebrou com maior imponencia na cidade a solemnisção da Semana Santa, lembraram-se os rapazes de preparar a figura d'um Judas que imitasse e se parecesse com o hebraico sapateiro e foram collocal-a em um pinheiro perto da casa do filho d'Israel.

Quando nas torres estrondeou o som festivo das Alleluias lançaram os endiabrados rapazes fogo a Judas e o boneco ardeu e estorrou ao som das gargalhadas e da gritaria dos que assistiam á brincadeira.

Jacob não se manifestou, não estremeceu mesmo ao ouvir o crepitar da fogueira em que ardia o symbolizado Escariote, embora a fogueira fosse nos tempos inquisitoriaes o horrivel phantasma dos



Em Sexta Feira Santa. — A Procissão do Enterro

A imagem de Nossa Senhora

judeus; manteve a porta fechada, as janellas cerradas e lá no recondito da sua habitação continuava entregue ao culto da sua Paschoa.

Passados dias, sempre os rapazes quizeram vêr de que humôres estava o arrelliado sapateiro, foram á porta da loja gritar: — Oh judeu, olha que já queimámos o Judas e tu estás vivo!

O Jacob, sem levantar mão do trabalho a que se estava dando, respondeu com azedume:

— Bem sei, bem sei! Vós sois uns pandegos! Queimaes bonecos de palha; mas aos homens que na sociedade vendem a honra e atraçoam amigos, esses não os sabeis exterminar, viveis muito bem com elles!...

A lição estava dada e a vingança satisfeita.

F. J. PATRÍCIO.

## Historia das bexigas

Esta molestia, se acreditarmos um manuscripto arabe, appareceu pela primeira vez na Arabia em 572. Os sarracenos levaram-n'a d'alli para os orientaes, d'onde passou para a China, propagando-se então até os confins da Asia.

Os mouros trouxeram-n'a para a Europa no tempo da conquista de Hespanha (viii seculo). Os hollandezes levaram-n'a ás Indias, e communicaram-n'a aos hottentotes, quando teve logar, em 1648, a conquista do cabo da Boa-Esperança. Missionarios dinamarquezes fizeram este triste presente aos groenlandezes, em 1733. Os russos levaram-n'a até ás extremidades de suas vastas possessões, Christovão Colombo transportou-a ao Novo-Mundo.

# O ACTUAL MINISTERIO

---



**Conselheiro Sebastião Telles**  
*Presidente do Conselho e Ministro da Guerra*



**Conselheiro Conde de Castro e Solla**  
*Ministro da Justiça*



**Conselheiro Alexandre Cabral**  
*Ministro do Reino*



**Conselheiro D. João de Alarcão**  
*Ministro dos Negocios Estrangeiros*



**Conselheiro Soares Branco**  
*Ministro da Fazenda*



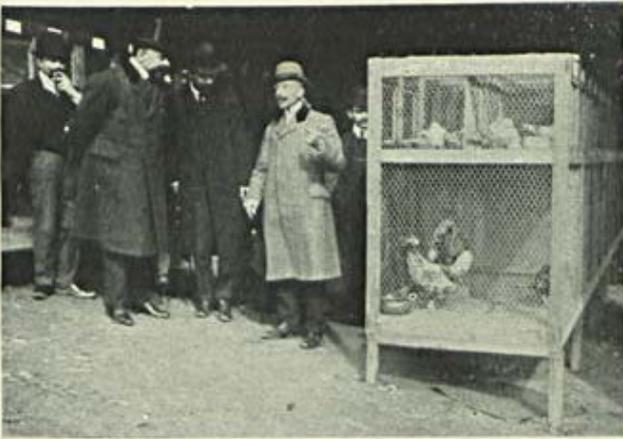
**Conselheiro D. Luiz de Castro**  
*Ministro das Obras Publicas*



**Conselheiro João d'Azevedo Coutinho**  
*Ministro da Marinha e Ultramar*

*Entram pela primeira vez nos conselhos da corôa o sr. conselheiro Alexandre Cabral, reitor da Universidade e parlamentar distincto, a quem foi confiada a pasta do reino; o sr. conselheiro Soares Branco, que, pela forma por que no parlamento tem tratado de assumptos que correm pela pasta da fazenda, tem revelado provada competencia; o sr. conde de Castro e Solla, ministro da justiça, jurisconsulto e parlamentar; e o sr. conselheiro João de Azevedo Coutinho, arrancado ao seu gabinete de governador civil para a pasta da marinha e ultramar, a que naturalmente lhe estava indicada pelo conhecimento dos importantes negocios que por ella correm, e pelas muitas provas que tem dado de interesse pelas colonias, pelo desenvolvimento d'essa Africa portugueza, que é a nossa esperanza, e para cujo nome e prestigio elle tem heroicamente contribuido. Todos os outros ministros vieram do governo transacto, tendo já dado na administração do paiz provas de valor e dedicação civica.*

## Exposição de aves no Parque Eduardo VII



O sr. ministro das obras publicas visitando a exposição  
(Cliché de J. Benoit).

## A ESCOLA

A aristocracia intellectual do seculo XIX, pouco generosa com o mestre escola, referia-se a elle com um sorriso de desdém e de piedade. Não lhe perdoava a importancia, algumas vezes exagerada, que o antigo professor dava a si mesmo e á sua missão social. Para os intellectuaes a modesta e prosaica função do homem que ensinava as creanças a lêr, a escrever e a contar, era incompatível com o pedantismo, com a superioridade que se arrogava.

No entretanto o pedantismo do mestre, aliás inoffensivo, se provocava o riso dos Taine e dos Renan, era desculpavel. Elle que ensinava ao filho do pobre e do rico, do operario e do burguez, a sciencia indispensavel, acreditava ser o representante da democracia, sabido da evolução da humanidade. Julgava-se indispensavel. Nas freguezias ruraes era o primeiro. Não era natural que sentisse um certo orgulho dessa superioridade?

Seria modesta e humilde a sua função, seria ridiculo o seu pedantismo; mas era tão digna de sympathia e respeito a nobre dedicação com que elle trabalhava para ministrar ás creanças essa provisão do saber, que constituia uma força atravez da existencia. E tomava tanto a sério a sua missão! Não se entregava, é verdade, a investigações scientificas nem a especulações philosophicas. Actuava sobre creanças. Mas, como diz um escriptor a esse respeito, os apóstolos dirigiram-se sempre com preferencia ás creanças e aos simples; e o Vicente de Paula moderno foi um mestre, Pestalozzi.

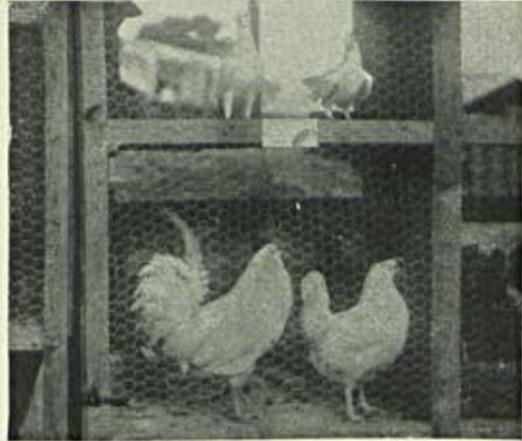
Passou o tempo; e a sociedade engrandeceu e elevou a função do mestre e da escola. Tem-se dito e escripto que o verdadeiro vencedor de Sadowa e de Sedan foi o mestre escola allemão. Attribute-se a victoria do Japão á escola primaria. Os fundado-

res da terceira republica francesa confiaram ao mestre a educação do eleitor e da democracia. E hoje não se appella para a escola como factor de tolerancia e de pacificação social?

Ha em tudo isto exagero. Espera-se da escola mais do que ella poderá dar.

A sociedade, porém, preparou já o mestre para a elevada missão que lhe incumbem? Nenhum país civilisado pode gloriarse de possuir um systema de educação popular em relação com o seu progresso social, economico e scientifico. E em toda a parte se reclama que o Estado organise a instrução do mestre e do cidadão em harmonia com as necessidades da existencia actual. A justiça dessa reclamação está na consciencia de que a ignorancia constitue actualmente para cada Estado uma fraqueza e um perigo politico e economico.

Mesmo nos países em que o numero de analfabetos é diminuto, se reconhece a deficiencia do ensino primario. As creanças foram ensinadas,



Exposição de aves no Parque Eduardo VII

(Cliché de J. Benoit).

Um aspecto

mas desde a sahida da escola até á maioridade não perderam as noções adquiridas, não desapareceu da alma a acção moral da escola?

Alargar a instrução do mestre, tornar mais extensa e intensa a educação popular são duas necessidades reconhecidas. Mas os homens de Estado recnam perante o encargo financeiro que resulta dessa transformação.

Todavia os Estados teem de entrar nesse caminho. E' estranho que a sociedade não faça os sacrificios necessarios para formar e educar aquellos que a formam e educam a ella.

O grande problema da educação popular depende pois de uma questão de dinheiro. Para os países que se adiantaram, o sacrificio financeiro é menor; para os que se deixaram ficar atraz, como por exemplo a Italia e Portugal, a difficuldade é mais grave, porque se torna necessario crear muitas coisas ao mesmo tempo.

Em Portugal o Estado dispõe de uma excellente materia prima. Um grande numero de professores são bons, cheios de abnegação, com verdadeiro amor á escola. E, apesar de lutarem com falta de material de ensino, com a ignorancia e com a indifferença das populações, esforçam-



(Cliché de A. C. Lima).

Exposição de aves no Parque Eduardo VII. — Aspecto d'algumas installações

se, trabalham, fazem propaganda, interessam as localidades, criam com a sua iniciativa a assistência escolar, e alguns são verdadeiros apóstolos.

A Itália compreendeu que, para não ficar esmagada na concorrência económica, tinha de fazer um poderoso esforço em favor da educação popular. E nos últimos annos foi notavel o movimento da iniciativa particular a favor do ensino; e n'elle tomaram uma parte activa e fecunda os professores. Nos congressos discutiram se os principaes problemas pedagogicos e psychologicos. E nas principaes cidades organizaram-se associações que tem por fim a diffusão do ensino e a assistência escolar. Em Portugal inicia-se tambem o movimento, ainda confuso e mal orientado, como succede a todas as coisas no seu principio; e os professores parece quererem cooperar n'elle, seguindo o exemplo da *Union Magistrale* italiana.

Deve confessar-se que actualmente a instrução *pratica* do professor é já muito mais perfeita. Nas escolas normaes o futuro mestre adquire noções de physica, chimica, sciencias naturaes, agricultura e hygiene, o que lhe permite ensinar alguma coisa mais do que lér, escrever e contar, e, o que é importante, dar conselhos e indicações uteis aos camponeses.

Mas essa educação é ainda deficiente e incompleta. No curto periodo do curso normal, sem preparação prévia, apenas poderão saber que existe uma sciencia do ensino ou pedagogia, conhecerão uma ou outra lei de physica, um ou outro facto isolado da historia. Os que saem da escola para ensinar crianças, desconhecem a psychologia infantil; os que estão incumbidos da educação civica, ignoram a historia nacional; os que preparam para a vida ignoram o que seja a vida moderna.

Os países que procuram fazer do mestre um educador na escola e fóra da escola, pensam na reforma do ensino normal, no desenvolvimento da

## Exposição Silva Porto na Escola de Bellas Artes de Lisboa



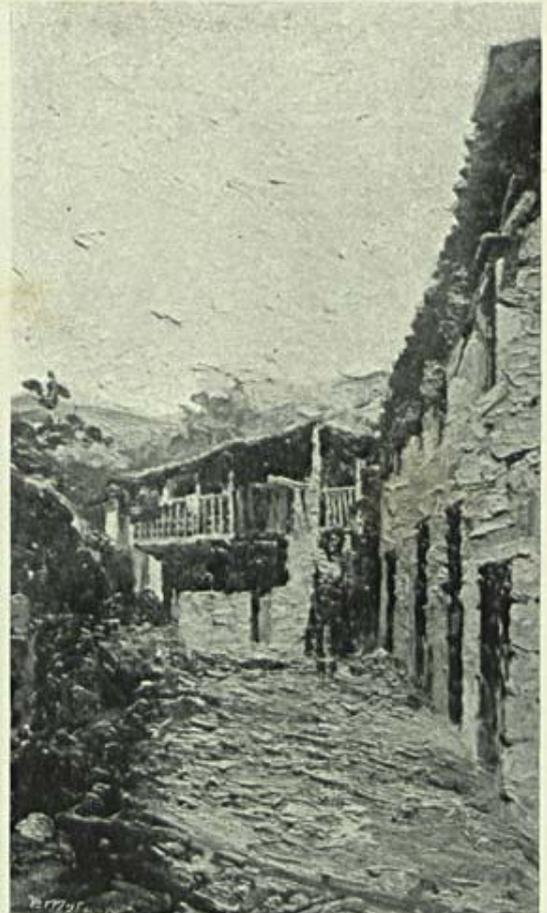
Egreja matriz de Pedrogam Pequeno  
(Quadro de Ayres)

instrução theorica e pratica do professor, de forma que elle tenha uma noção mais completa do conjuncto das coisas.



Exposição Silva Porto na Escola de Bellas Artes de Lisboa  
Uma paisagem

(Clichs de J. Benoliel). (Quadro de Abel Santos)



Exposição Silva Porto na Escola de Bellas Artes de Lisboa  
S. Paulo (Goes)

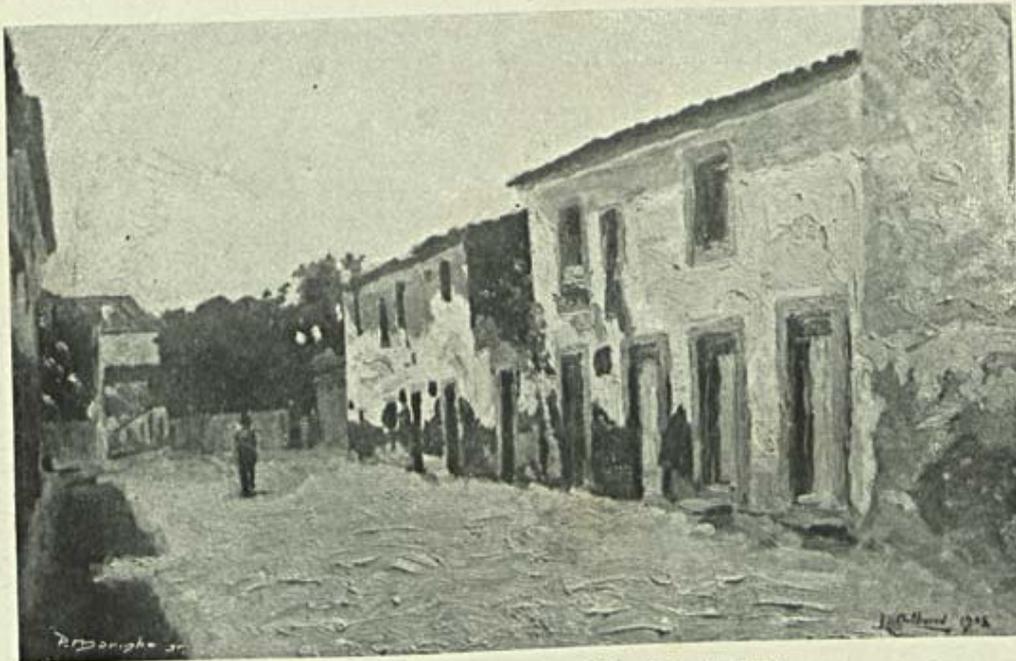
(Quadro de Saude)

Da elevação da intelligencia deriva naturalmente a elevação moral, uma acção mais decisiva na alma das crianças e no espirito dos habitantes da localidade a que pertence a escola.

Mas esse ideal dos países cultos poderá ser uma realidade? Haverá recursos financeiros que permitam a transformação da escola e a educação mais completa do mestre? Só lentamente, parece-nos, se poderá chegar ao resultado desejado.

Pede-se á escola a educação cívica, e nos momentos de crise nacional

cio da povoação; multiplicaram-se os cursos nocturnos para que a influencia do professor se estendesse tambem sobre os adultos; o mestre foi o amigo e o conselheiro dos camponeses que d'elle recebiam ensinamentos sobre a agricultura e veterinaria; o Estado e as communas rivalisaram em beneficios á escola e ao ensino. A obra do professor foi durante alguns annos preciosa e fecunda. Ajudou os alumnos e os paes a combater o mildiu e a philoxera; ensinou ao agricultor o uso dos adubos chimicos; contribuiu para a organização dos syndicatos agricolas e



Exposição Silva Porto na Escola de Bellas Artes de Lisboa  
Uma rua de Pedrogam Pequeno  
(Quadro de Calderon)

sobretudo dirigem-se á escola, vendo n'ella um meio de orientação e de pacificação social. E' pedir-lhe o que ella não pode dar. Se a esse respeito ha muito a esperar da escola, quando o professor esteja convenientemente preparado para a sua função social, não é ella o unico factor de educação nacional. E alguns paizes já vêem n'ella um perigo serio, contra o qual urge precaver-se.

A França moderna dá-nos um notavel exemplo do que pode e deve a escola sob o ponto de vista da educação cívica.

A idéa verdadeira ou falsa de que o grande agente da victoria allemã fôra o mestre, a convicção de que as desgraças da França eram devidas ao suffragio universal que desde 1850 déra o triumpho aos mediocres, produziram um verdadeiro enthusiasmo em favor da escola. Os fundadores da terceira republica decidiram fazer do mestre o educador da democracia. Acreditou-se que esse ideal era realisavel; e tratou-se de preparar o mestre para a educação cívica da França republicana. Começou então o periodo heroico do ensino na grande republica latina, principalmente a partir de 1879. Reformou-se o ensino normal e elevou-se o prestigio do professor. A prosperidade das finanças permittiu consagrar á escola os recursos indispensaveis. A casa da escola era o melhor edifi-

das sociedades de soccorros mutuos, e aproveitando a sua influencia, conseguiu que a escola fosse frequentada.

Em 1900 começou a reconhecer-se que os sacrificios feitos pela republica em favor do ensino popular foram em grande parte inuteis. E a escola de que se esperava educação cívica, converteu-se num perigo contra o qual a republica tem de se defender.

Duas causas principais contribuiriam para isso. A primeira foi a politica que não descansou em quanto não fez do professor um agente eleitoral. Os prefeitos e os deputados obrigavam os inspectores a puni-lo quando elle se mostrava pouco activo na galopinagem politica. A perda da eleição era imputada pelo candidato vencido ao mestre, que muitas vezes não sabia o que fazer no meio das pretensões dos radicais, progressistas e socialistas. Não podendo conservar-se neutral, era perseguido com suspensões, transferencias e demissões. O pobre mestre perdeu a influencia e o prestigio que no principio exercen sobre a população. O desalento invadiu-o; a escola deixou de ser frequentada como antes; e a obrigatoriedade do ensino cessou de se cumprir.

A crise da escola primaria francesa foi aggravada por uma segunda causa. A democracia francesa atravessa uma crise dolorosa. A propaganda



Exposição Silva Porto na Escola de Bellas Artes de Lisboa  
Sagres

(Quadro de Trigoso)

(Cliche de J. Benoitel.)

das ideias socialistas, e sobretudo do anti-militarismo perturbou profundamente as camadas francêsas. O professor primario que a politica deprimiu, suggestionado pela propaganda das ideias subversivas, não inspira confiança ao Estado. D'ahi derivam as recommendações e os conselhos persistentes dos estadistas e dos pedagogos. «O mestre tem a missão de elaborar nas consciencias os planos da justiça futura; é uma razão decisiva que lhe impõe a abstenção das luctas eleitoraes. A eleição é a politica do dia; a educação é a politica do futuro. Politico e educador, não se podem entender, excluem-se.»

A este respeito são muito interessantes as conferencias na escola normal de Auteuil, onde os diferentes oradores fizeram sentir aos futuros professores os perigos da acção politica, e a necessidade de defender as instituições republicanas e o sentimento da patria contrz as theorias dissolventes e anti-patrioticiss.

A escola primaria da Allemanha sofre uma crise doutro genero, crise que se tem accentuado desde 1870. A comedia *Flachsmann als Erzieh.*, que é uma satyra á escola allemã, tantas vezes representada, denuncia bem os defeitos do ensino germanico. O professor não forma cidadãos e homens livres, o seu objectivo é crear subditos. Não modifica a velha orientação de Herbart; mantem-se nella.

Em Portugal não ha que recear, ao menos por em quanto nem a crise da escola francêza, nem a da escola allemã. Os politicos entre nós não exercem sobre o professor uma acção tão directa, como na França; e a tendencia é mesmo para o tornar independente das luctas eleitoraes.

No nosso pais o que é preciso é crear uma opinião publica favoravel á escola popular, descendo até ás mais baixas camadas sociaes, fazer comprehender aos operarios e aos camponezes os beneficios materiaes e moraes que della retiram, e fazer sentir aos ricos que elles teem interesse em cooperar na obra escolar, porque hoje não ha vida nacional intensa e progressiva sem a educação intellectual.

Marques Mano.

## Problemas da Economia Nacional

Dos livros ultimamente sahidos dos prêlos portuguezes é este um dos mais valiosos e uteis pelo estudo que revela, pelos esclarecimentos que fornece, pelos variadissimos elementos que apresenta tanto para a exposição simples como para a complexa solução dos diversos problemas nacionaes.

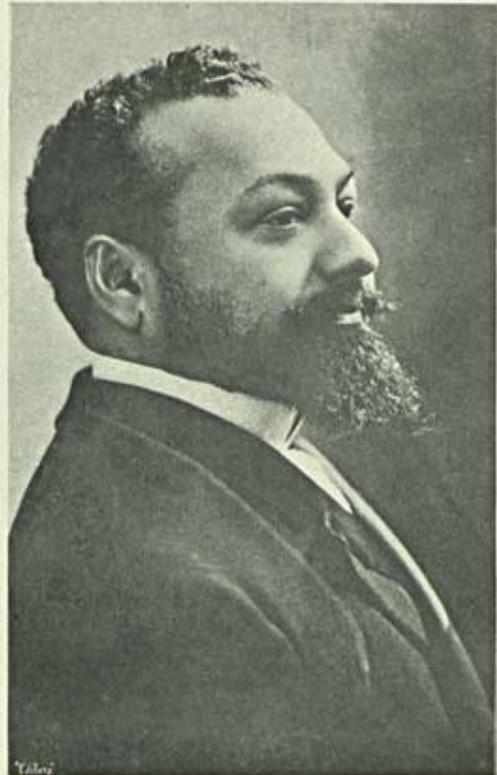
Presta ao commercio, á industria, á agricultura e á finança, um inestimavel serviço o sr. Constancio Roque da Costa, cuja competencia de chefe de secção da direcção geral dos assumptos commerciaes no Ministerio dos Estrangeiros, ficou exuberantemente demonstrada nas lucidas paginas d'este livro, cuja offerta agradece reconhecido o *Brasil-Portugal*.

### Observações preliminares

Incontestavelmente, o paiz dispõe de recursos que precisam de ser valorisados. Além do seu vasto dominio colonial e de importantes riquezas mineraes ainda, por explorar, pôde a sua agricul-

tura fornecer elementos para triplicar e quadruplicar o seu commercio de exportação, como pôde a sua situação geographica, alliada ás condições favoraveis do clima e ás facilidades de communicações, dar origem a affluencia de immensos capitaes.

Entretanto, tem-se vivido até hoje uma vida puramente artificial. Esgotados os recursos do velho commercio da India e do Bra-



Constancio Roque da Costa

sil colonial, passou-se a illudir o deficit economico da nação com o ouro importado com empréstimos no estrangeiro e pelas remessas dos emigrantes distribuidos por todo esse mundo fóra, e descurouse do desenvolvimento da produção nacional, a unica e verdadeira força que pôde garantir a autonomia dos povos.

Os factos demonstram que a situação economica do paiz não tem sido mais do que um reflexo das condições das praças estrangeiras. Assim, a crise cambial do Brasil, depois da proclamação da Republica, provocou a nossa crise financeira e economica de 1890, agravada pela desconfiança que restringiu o recurso dos empres-



O enterro do sr. Conde de Burnay  
Sahindo da capella do cemiterio

(Clicha de A. C. Lima).



O enterro do sr. Conde de Burnay  
O sr. dr. Francisco da Silveira Vianna lendo um discurso

O funeral do illustre titular foi, pela grandeza que revestiu e pela commoção que despertou, um acontecimento verdadeiramente sensacional. Muitos dos que lhe atiraram pedras em vida foram prestar-lhe com a sua presença homenagem publica de admiração pelo seu valor, pelos seus talentos de negociante, de industrial e de financeiro, e de incondicional reconhecimento das suas grandes qualidades de homem, de cidadão, de philanthropo e de exemplarissimo chefe de familia.

timos, a tal ponto que se teve de entrar no regimen violento e deprimente da fallencia parcial do thesouro e da circulação fiduciaria inconvertivel!

Passados annos, vieram as grandes obras de saneamento e embelezamento da cidade do Rio de Janeiro, que deram origem a grandes expropriações de predios pertencentes a portuguezes alli estabelecidos, e ao mesmo tempo melhoravam-se os cambios, facilitando as transferencias, não sómente das importantes economias por muito tempo ali estagnadas, mas ainda das sommas provenientes das avultadas indemnisações pagas aos nossos compatriotas.

Bastou a affluencia d'esses capitaes para que se modificassem favoravelmente as condições economicas e financeiras de Portugal. Em Lisboa construíram-se, como por encanto, bairros novos, com vastas praças e avenidas dotadas de edificações elegantes e nobres. A crise financeira attenuou-se por tal fórma que, pela primeira vez na historia das finanças do mundo, se viu desaparecer, no curtissimo periodo de 15 a 18 annos, o agio do ouro pela valorisação do papel inconvertivel até ao par, quando em paizes como a Inglaterra, a França, a Russia, a Austria, a Italia e até os Estados Unidos da America do Norte eguaes situações só se liquidaram ou pela fallencia total, como com os assignados francezes, ou á custa de combinações mais ou menos engenhosas, que levaram decadas e até mais de um seculo para produzirem os resultados desejados!

Não soubemos ou não quizemos tirar todo o proveito propor-

cionado por tão feliz conjuncto de circumstancias. Proseguiu-se descuidosamente no systema dos processos velhos; desprezaram-se as lições da experiencia; provocaram-se novas perturbações politicas, novas desconfianças e uma nova situação de incertezas. Os capitaes que vinham do estrangeiro voltaram a retrahir-se, e o paiz vê-se novamente envolvido na mesma crise de que parecia ter-se libertado!

E' o que succede a todos os povos que, embora constituam um Estado independente, não teem existencia propria.

Nação alguma pôde manter-se indefinidamente na dependencia do estrangeiro. Esgotou-se para o nosso paiz a fonte dos emprestimos; acabaram-se as transferencias de capitaes accumulados no Brasil. N'estas circumstancias, resta-nos unicamente o recurso de produzir o necessario para a nossa manutenção, se não quizermos comprometter irremediavelmente a propria existencia!

Não é ser pessimista encarar a situação pelo prisma da realidade. O verdadeiro patriotismo consiste em reconhecer a gravidade do mal, procurando remedial-o emquanto é tempo.

Examinando se o movimento do nosso commercio externo, vê-se que, em 1906, a importação para consumo foi no valor de 60:392 contos de réis e a exportação nacional e nacionalisada no de 30:593

## Exposição de quadros



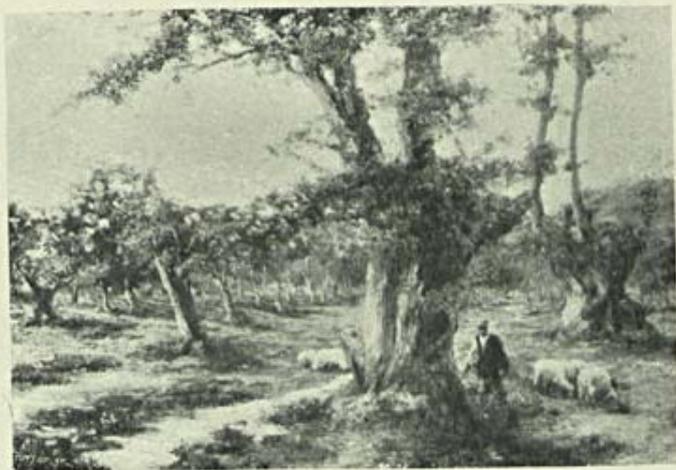
Teixeira Bastos



Limpendo cobres



Camões



Uma scena alemtejana

*Esta exposição é das mais reüssies que tem havido em Lisboa. Fômos visitá-la e de lá trouxemos a impressão de que o sr. Teixeira Bastos é um dos pintores portuguezes que mais e melhor soubs progredir, pela firmeza do pincel, pela escolha dos assumptos, pela composição dos quadros, pela distribuição e propriedade da cor e sobretudo pelo sentimento da paizagem fartamente revelado em numerosas telas.*

contos. Houve, por conseguinte, um deficit de 20:799 contos de réis na *balança commercial*.

E' certo que, desde logo, esta cifra tem de soffrer o correctivo do menor valor registado nas alfandegas em relação ás mercadorias exportadas, não pelo facto de não se incluir a importancia dos fretes, seguros e comissões, como muitas vezes se pretende, — pois que sendo os transportes realizados na maior parte pela navegação estrangeira e os premios dos seguros e comissões auferidos por companhias também estrangeiras, não são aproveitados pela economia nacional, — mas sim e unicamente pelo menor valor confessado nas declarações feitas pelos exportadores. Ora calculando em 25 % a importancia do valor occultado, tem-se ainda assim um deficit na *balança commercial* de cerca de 22:300 contos de réis.

Tambem a differença entre a importação e a exportação de metal precioso em barra e em moeda foi no mesmo anno d'uns 300 contos a favor das importações. Além d'isso, deve a economia do paiz ter beneficiado da comissão que lhe coube pelo papel de intermediario que desempenha no commercio de reexportação e transito de mercadorias estrangeiras e ultramarinas, e como uma grande parte d'este negocio é realizado pela navegação nacional, — deixando ao paiz a correspondente parte nos lucros dos fretes, — não será talvez demasiado calcular que terão ficado no paiz 25 % do valor total de 16:180 contos em que montou esse commercio, ou sejam 4:045 contos. Ficaria assim reduzido o desequilibrio commercial a cerca de 17:355 contos.

O ouro que entra no paiz pelos rendimentos de capitães nacionaes empregados no estrangeiro e pelas remessas de portuguezes estabelecidos no Brasil e n'outros paizes, reunido aos saldos do commercio ultramarino e dos rendimentos dos proprietarios de S. Thomé e outras possessões africanas, difficilmente chegará a contrabalançar as importancias dos pagamentos, no estrangeiro, do Estado, das companhias dos caminhos de ferro, dos tabacos, dos electricos, dos seguros e outras, e das remessas a portuguezes que viajam ou que residem fóra do paiz tendo propriedades em Portugal.

N'estas condições, o desequilibrio da *balança economica* da nação deve corresponder approximadamente ao deficit da *balança commercial*, com os respectivos correctivos, o que é excessivo para um paiz pequeno e de pouca iniciativa e actividade como o nosso.

Entrando-se na analyse das classes de mercadorias importadas e exportadas, vê-se que a importação de *animas vivos* foi no valor de 2.606.973\$000 réis e a exportação no valor de 3.683.382\$000 réis. *Materias primas para artes e industrias* importaram-se no valor de 24.037.205\$000 réis contra uma exportação de 6.773.611\$000 réis. *Fios, tecidos, feltros e respectivas obras* importaram-se no valor de 6.901.111\$000 réis e exportaram-se no de 1.703.661\$000 réis. *Substancias alimenticias* importaram-se pelo valor de 15.595.884\$000 réis, tendo-se exportado no valor de 16.296.884\$000 réis. *Apparelhos, instrumentos, machinas, armas, embarcações e vehiculos* importaram-se no valor de 6.127.000\$000 réis e exportaram-se no de 101.400\$000 réis. E, finalmente, *manufacturas diversas* importaram-se no valor de réis 5.014.829\$000 e exportaram-se no de 2.033.810\$000 réis.

D'onde se vê que foi sómente nas exportações de *animas vivos* e de *substancias alimenticias* que se obteve alguma superioridade sobre as importações; em todas as outras classes o deficit foi enorme. E, quanto á exportação de *materias primas*, nota-se que foi quasi toda de productos animaes e vegetaes como pelles, cortiças, madeira e outros.

E', pois, a produção agricola que principalmente alimenta o nosso commercio de exportação, e, por conseguinte, a vida economica do paiz. Isto basta para demonstrar a necessidade que se impõe a todos de cuidar d'essa preciosa fonte de riqueza e de promover o seu incremento.

Foi esta a orientação a que obedeceu a economia do celebre tratado de commercio assignado em 1903 entre Portugal e a Gran-Bretanha. Effectivamente, achando-se a Inglaterra em melhores

condições para o desenvolvimento da industria fabril e Portugal para o da produção agricola, estava naturalmente indicado o campo para um accordo mutuamente vantajoso. Entretanto, foi precisamente esta orientação do tratado de Methwen que mais parece ter ferido os brios nacionaes, a ponto de ter-se tornado celebre esta desolada phrase com que o brilhante espirito de Oliveira Martins o definiu: *E Portugal passou a ser uma horta de Inglaterra!*

Oxalá fosse esse todo o mal de tão discutido tratado, pois valia bem a pena supportar os encargos das outras clausulas, se Portugal tivesse alcançado semelhante favor e soubesse cultivar essa horta o bastante para satisfazer as necessidades de um mercado, como o da Inglaterra, que só de fructas, hortaliças e legumes frescos importados do estrangeiro, consome annualmente no valor de 16 milhões 500 mil libras esterlinas ou 74:250 contos de réis, ouro, e que, em 1907, chegou a importar *substancias alimenticias* no valor fabuloso de 243.158.517 libras esterlinas ou mais de 1.094:213 contos de réis, ouro, da nossa moeda!

Bastava que Portugal passasse realmente a ser a unica *horta* onde a Inglaterra se fornecesse para que se tornasse vinte vezes mais rico do que hoje com todo o seu imperio ultramarino e com toda a sua industria fabril.

Consigam os nossos governos conquistar uma tal situação e saiba a nação cultivar essa *horta*, produzindo o sufficiente para bem servir tão rico freguez, que estará larguissimamente resolvido o nosso problema economico.

Desgraçadamente, porém, esse inolvidavel tratado limitava-se unicamente a conceder favores especiaes aos vinhos portuguezes. Ahi pararam os nossos negociadores; tudo o mais ficou em esquecimento na parte que nos interessava. As duas unicas clausulas de que se compoz esse tratado nada continham sobre os demais productos agricolas do paiz. Assim, infelizmente para nós, pela tratado de Methwen *Portugal não passou a ser uma horta da Inglaterra*; tornou-se antes uma dependencia da poderosa Albion!

CONSTANCIO ROQUE DA COSTA.

## ANECDOTA

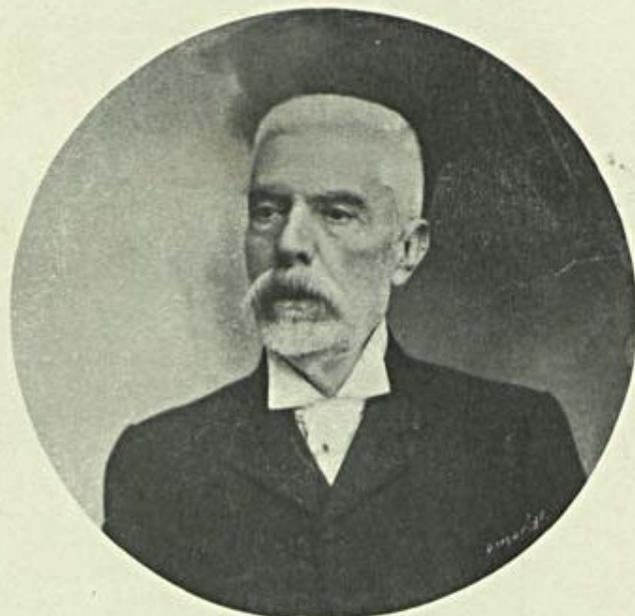
Estava-se em tempo de guerra.

Certo soldado tendo sido apanhado n'um furto, foi condemnado a morrer enforcado.

O que elle tinha roubado valia uma insignificancia, e por isso o general vendo-o passar para o supplicio, disse-lhe, penalizado:

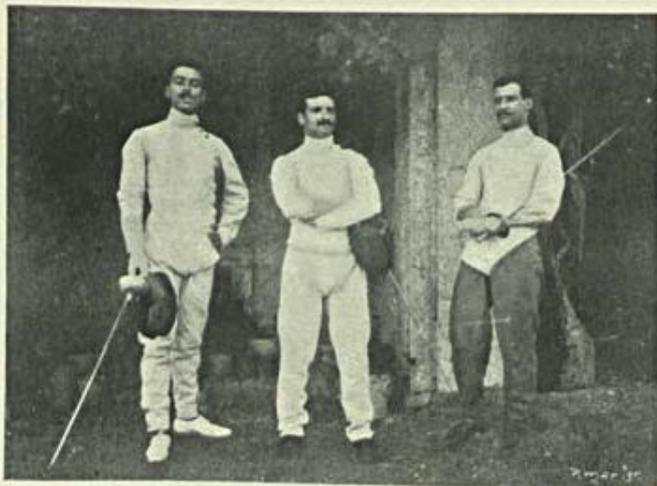
— Era preciso que estivesse doido para arriscares a tua vida por dois cruzados novos.

— Essa é boa, meu general — respondeu o soldado — e então eu não a arriscava todos os dias por trez vintens?!



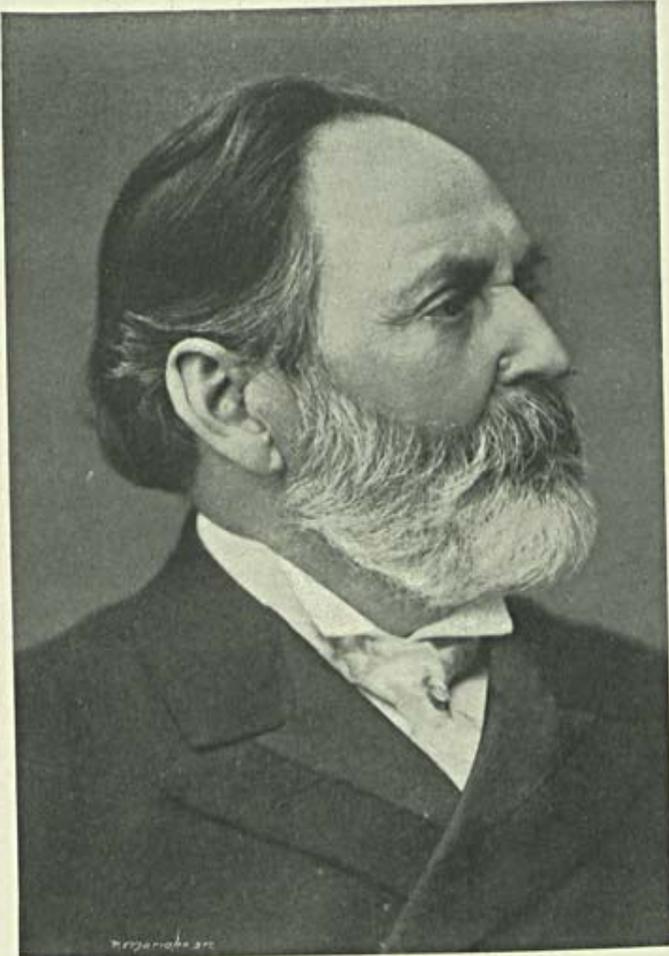
Fernando Mendes de Almeida

† a 6 de abril de 1909



A "équipe" de esgrimistas portuguezes que foi a Monte Carlo e que foi classificada em terceiro lugar com a "équipe" austriaca  
(Cliché de A. C. Lima).

Antigo inspector do governo na fiscalização dos caminhos de ferro, correspondente commercial do Jornal do Brasil, do Rio de Janeiro, chefe exemplarissimo de uma enorme familia que tem as suas ramificações em Portugal e no Brasil, este prestante cidadão cuja vida foi um exemplo de trabalho, de probidade pessoal e de dedicação pelos outros, teve a acompanhar-o a "ultima" morada um solemne e grandioso cortejo constituido pelos representantes das mais elevadas classes sociaes.



João de Oliveira Ramos

† a 2 de abril de 1909

*Foi um jornalista de valor e um homem de bem. Podia ser este o epitaphio inscripto no seu tumulo, porque na sua simplicidade estava a sua eloquencia.*

*João d'Oliveira Ramos, o pae Ramos, dirigiu durante longos annos o Primeiro de Janeiro, a mais popular e vulgarizada folha do Porto, e sem desmandos nem exaggeros, sem diatribes nem violencias, soube sempre dar nos seus artigos a nota suprema do bom senso, a exacta apreciação dos factos e dos homens, a palavra justa e precisa sobre os acontecimentos que se desenrolaram perante a sua longa e despretenciosa vida de jornalista.*

*O Porto queria-lhe como a um dos seus amigos mais provados, respeitava-o toda a imprensa como um mestre, e os mais novos, que com a sua amizade se dignificavam, tinham por elle o respeito e a affeição que se tem por um pae. Por isso o funeral do bom, do velho pae Ramos, foi ao mesmo tempo uma consagração nobilissima, que honra o Porto, e uma commovida manifestação de saudade.*

*O Brasil-Portugal que já por outra fórma manifestou aos seus collegas do Primeiro de Janeiro a sua confraternidade no luto em que os deixou a perda do seu querido director, cumpre um honroso dever, registando estas palavras sentidas ao lado do retrato d'esse honrado velho, que foi ao mesmo tempo, na imprensa do norte, um infatigavel pioneiro e um director espirital.*

## Primeiro neto

*A Alfredo Barjona de Freitas, quando nasceu o Manuel*

O coração é sacrario  
Boceta d'oiro escondida,  
Em que se guarda o rosario  
Das affeições d'esta vida —  
Luminoso sanctuario!

Mas nunca está repleto,  
D'imagens, sonhos vividos,  
O cofre do nosso affecto;  
Enchem-no os filhos queridos?  
Ainda lá lhe cabe um neto.

*J. de Oliveira Simões.*

## Resposta ao Zuqte

O milagre do Senhor  
Repartindo peixe e pão  
Foi um milagre d'amor!  
Tal qual o meu coração:

A mulher de todo o enchia,  
Vieram filhos depois;  
O primeiro lá cabia,  
E n'elle couberam dois.

E assim por este andar  
Mais dois ainda couberam;  
E acharam tanto logar  
Como os primeiros tiveram!

Não é para admirar  
Que o neto lá tenha abrigo  
Sem os filhos cercar,  
Tambem lá tem um amigo!

*Alfredo Barjona.*

## Mademoiselle Julia Van Mareke de Lummen

**E**sta illustre senhora, eleita em dezembro ultimo presidente do Congresso permanente da Humanidade em Paris, é natural da Belgica, e filha de paes holandezes, tendo manifestado logo, ao alvorecer da mocidade, com espirito firme e resolutos, as suas tendencias humanitarias, desenvolvendo com o seu brilhante talento sentimentos de fraternidade, rectidão e justiça que legitimam as suas aspirações, no in-



Mademoiselle Julia Van Mareke de Lummen

tuito de conseguir a emancipação da mulher. E, no seu posto de guarda avançada, ella tem tomado uma parte activa nos movimentos intellectuaes e humanitarios que a apaixonam.

Julia Van Mareke fundou na Belgica uma revista sociologico-feminista que foi o ponto de partida do seu apostolado. N'esta revista em que foi largamente tratada a questão da reivindicação dos direitos femininos, Julia Van Mareke imprimia nos seus artigos de combate um calor inexaurivel, e sentimentos de bondade e delicadeza que lhe attrahiram numerosas sympathias.

Esta campanha ardente, e esta lucta valentemente proseguida com a tenacidade de um apostolado deveriam necessariamente produzir os seus fructos. E effectivamente deu-se então um reviramento salutar na opinião, e muitas mulheres sentiram a esperança de

conseguir o reconhecimento dos seus direitos e o respeito pela sua liberdade. Foi d'este modo que ella reuniu setecentos adherentes na mensagem dirigida ao Congresso de Paris, em 1889, reclamando para a mulher direitos civis, politicos e intellectuaes.

Julia Van Marcke, vendo a mulher ridiculisada no theatro, julgou que se impunha uma transformação da litteratura theatral, e, sob esta generosa impressão, apresentou-se em casa de Sarah Bernhardt de passagem por Bruxellas em 1894, e transmittiu-lhe as suas idéas na esperança de que a grande artista pudesse conseguir dos auctores dramaticos uma reforma salutar, suggerindo-lhe uma concepção mais sã da mulher, de modo a ser apresentada no palco com mais justiça e nobreza.

Em 1892 Julia Van Marcke fundou a primeira sociedade feminista em Bruxellas, com a designação de *União pela solidariedade das*

*mulheres*, a qual em 1893 dirigiu ás mulheres belgas um apello, convidando-as a reclamarem os seus direitos politicos.

Em seguida, fundou a *União internacional das mulheres*, cujo programma consistia na reivindicação da integridade dos direitos da mulher, na intransigencia absoluta ácerca das questões feministas, na tolerancia sobre todos os outros pontos, na criação de uma secção mixta de sociologia feminista, e na expulsão de quem fosse culpado de maledicencia, ou de qualquer acto anti-humanitario. Julia Van Marcke, na occasião da fundação d'esta sociedade, recebeu da solidariedade das mulheres francezas uma mensagem de felicitação.

Em 1896 foi nomeada vice-presidente da secção belga da *União universal das mulheres de Inglaterra*, tendo sido tambem a iniciadora de concursos litterarios feministas, dos quaes a imprensa tanto

## THEATROS

Theatro D. Amelia



Tina di Lorenzo



Tina di Lorenzo



Carini



Falconi

se occupou, e no que foi secundada pela commissão especial do Congresso Permanente da Humanidade que a nomeou em 1900 membro inamovível do seu Conselho Supremo. E não contente de haver cooperado para a organização d'estes concursos promovendo uma generosa emulação, ella propria tomou parte na lucta.

O seu trabalho — *Horresco referens* — de uma concepção original, promoveu uma admiração entusiastica, tendo merecido o premio de uma medalha de ouro, além de 500 francos.

A these — A inferioridade da mulher através da idéa religiosa — foi tratada por ella magistralmente. Esta these sustentada com documentos e cheia de pensamentos profundos e de apreciações tão elevadas como logicas, foi para a auctora um successo que assegurou aos adherentes do feminismo uma auctoridade incontestavel.

Em 1892, Julia Van Marcke foi nomeada secretaria adjunta da sociedade *Concordia* de Bruxellas, e posteriormente foi proclamada socia honoraria da *União fraternal das mulheres*, *Philantropos*, *sociologicos*, os jornaes a *Fronde*, o *Rappel*, o *Progrès Picard*, o *Ralliement* e diversos outros jornaes teem feito o elogio d'esta mulher notavel.

Pensadora livre, o que differe de livre pensadora, Julia Van Marcke tem tomado para base das suas crenças religiosas o que lhe pareceu justo e racional. A doutrina theosophica que não admittie sexos ás almas e sustenta que ellas se encarnam alternativamente nos corpos masculinos e femininos, pareceu-lhe representar a justiça por excellencia. A bella maxima evangelica de não

fazermos aos outros o que não desejamos que nos façam é-lhe particularmente cara, como prova, procedendo sempre em harmonia com este preceito.

Em 1889, ella distingue se por uma sympathica acção que revelou bem a delicadeza do seu coração generoso. Havendo encontrado na rua uma desgraçada creança, coberta de farrapos, filho abandonado de uma familia miseravel, tomou, sem quaesquer hesitações, conta da creança e recolheu-a, provendo a todas as suas necessidades.

Quanto ás suas opiniões politicas, podem-se resumir no *amor do progresso pela evolução da mulher*.

Enganar-se-hia quem a julgasse, por ser uma combatente, dotada de caracter rabujento, dogmatico e feroz. Pelo contrario, é uma pessoa affavel, de uma finura distincta, de caracter bondoso, e de gostos estheticos os mais pronunciados, como provam as *soirées* artisticas do seu grupo que ella organisa e dirige com sagacidade notavel, as quaes teem sido elogiadas pelos jornaes de Bruxellas, e a que concorrem os feministas francezes.

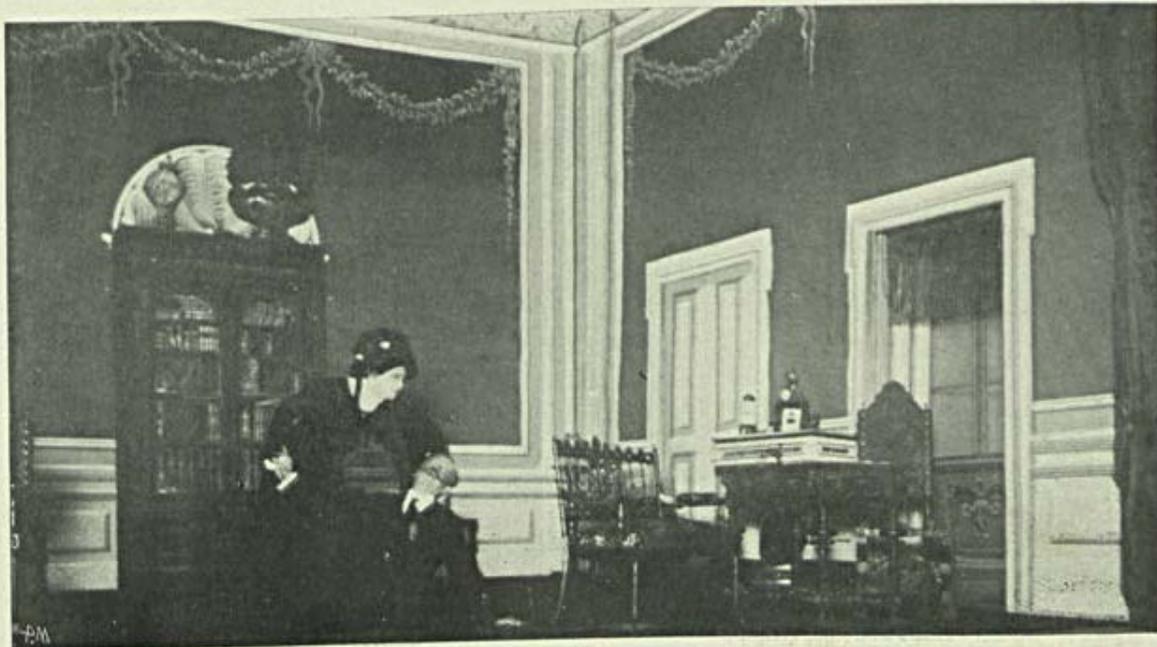
Contudo os gostos de Julia Van Marcke são simples. Ella ama a vida tranquilla e pastoril, e, muito hygienista tambem, consagra os seus esforços pelo desenvolvimento do vegetarismo, cujo progresso, na sua opinião, dará em resultado a salvaguarda da saude humana e a doçura dos costumes.

E' uma idealista ao mesmo tempo que é uma combatente, sendo mais forte no ataque que na defeza, e comparavel a um soldado de

### THEATROS. — Principe Real — Envelhecer



1.º acto — Eduardo Brazão e Ferrreira da Silva



Final do 4.º acto — Eduardo Brazão e Maria Falcão

guarda avançada, não se satisfaz com o papel de sentinella, como tudo quanto seja passivo.

Na moral é de uma escrupulosa lealdade e correcção. O bom e o bello attrahem-n'a, sentindo um instinctivo horror por tudo quanto seja crueldade, malvadez e maledicencia. Em uma palavra, é uma alta intelligencia e um grande caracter.

O jury do exame encarregado de apreciar as obras do ultimo concurso do Congresso Permanente da Humanidade em Paris premiou o seu trabalho sobre a questão tão complexa e delicada da despovoação, tendo por titulo. — A qualidade vence a quantidade.

Quem escreve estas linhas, tem a honra de fazer parte do Conselho Supremo do Congresso Permanente da Humanidade em Pa-

ris, e foi-lhe communicado que tinha o Conselho de proceder a eleição de novo presidente, sendo por isso convidado a enviar ao secretario do conselho o seu voto por escripto, no caso de não poder estar em Paris no dia da eleição. Sem ter havido qualquer indicação previa, foi enviado o voto a favor de Julia Van Marcke, por se entender que ella reunia em si todas as qualidades para tão distincto e elevado cargo, e porque não devia ser excluida por pertencer ao sexo feminino. D'ahi a poucos dias, recebia do secretario do Congresso a communicação de que havia ella sido unanimemente eleita por aclamação — o que prova como Julia Van Marcke de Lummen se impõe pelo seu brilhante talento, e pelo seu formoso caracter.

C. de Brito.

### THEATROS. — Rua dos Condes — A Pavorosa



Penultimo quadro do 3.º acto



Clichés de A. C. Lima.

Final do 3.º acto